ISSN: 2358-8829

# VIVÊNCIAS EM EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MARIA DOLORES

Ellen Silva de Oliveira Marques [1]

## INTRODUÇÃO

A educação é um processo que ultrapassa os limites das instituições escolares, constituindo-se nas diferentes relações que os sujeitos estabelecem com o mundo, com o outro e consigo mesmos. Nesse sentido, os espaços não formais de educação desempenham um papel importante na formação humana, pois possibilitam experiências de aprendizagem construídas por meio da convivência, da participação, do compartilhamento de saberes e das práticas coletivas.

Ao reconhecermos que a educação também acontece nos espaços comunitários, compreendemos que aprender não se limita à aquisição de conhecimentos sistematizados, mas envolve o desenvolvimento de valores, atitudes, sentimentos e formas de participação na vida em sociedade. Nessa perspectiva, a educação não formal apresenta possibilidades formativas que dialogam com as experiências, necessidades e realidades dos sujeitos.

É nesse contexto que se insere a Biblioteca Comunitária Maria Dolores, espaço de educação não formal que desenvolve diferentes práticas educativas voltadas à comunidade, como atividades de letramento, numeramento, arteterapia, cine-biblioteca e rodas de leitura. Essas ações possibilitam vivências que ultrapassam o aprendizado de conteúdos, constituindo oportunidades de convivência, expressão, criatividade e fortalecimento dos vínculos sociais.

Entretanto, mais do que apresentar as atividades desenvolvidas nesse espaço, interessa-nos refletir sobre as contribuições dessas práticas para a formação humana daqueles que participam de suas ações. Afinal, os processos educativos não se manifestam apenas naquilo que os sujeitos aprendem, mas também nas mudanças que experimentam em suas formas de pensar, sentir, agir e se relacionar com a coletividade.

A partir dessa compreensão, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar as contribuições das práticas educativas desenvolvidas na Biblioteca Comunitária Maria Dolores

[1] Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - Campus Itacoatiara. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES. Bolsista CAPES. ellen.oliveira@ifam.edu.br

ISSN: 2358-8829

na trajetória de uma mulher adulta que, inicialmente, participava das atividades oferecidas pela instituição e, posteriormente, tornou-se voluntária nas rodas de leitura com as crianças.

O estudo fundamenta-se nas contribuições de Gohn (2010), Freire (2023) e Alves (2023), autores que possibilitam compreender a educação em sua dimensão social, humana e transformadora. Metodologicamente, constitui-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa e caráter descritivo, desenvolvido a partir da observação participante e da escuta sensível das vivências da participante no espaço comunitário.

## METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O percurso metodológico fundamentou-se na observação participante das ações desenvolvidas na biblioteca e na escuta sensível de uma mulher adulta que passou a frequentar esse espaço para participar das atividades educativas e que, ao longo de sua trajetória, começou a colaborar ativamente com a instituição.

A observação participante possibilitou acompanhar as experiências construídas no cotidiano da biblioteca, considerando as relações estabelecidas, as formas de participação e as contribuições das práticas educativas para o envolvimento da participante com as ações coletivas.

A escuta sensível, por sua vez, orientou uma postura de atenção às experiências e às relações constituídas no processo de convivência, buscando reconhecer a dimensão humana presente nessa trajetória.

A análise apresentada neste relato possui caráter descritivo e interpretativo, articulando as vivências observadas aos referenciais teóricos que discutem a educação não formal e a formação humana. Buscou-se compreender especialmente o movimento de participação nas atividades comunitárias e a posterior atuação como voluntária nas rodas de leitura com as crianças.

Por se tratar de uma experiência centrada na trajetória de uma pessoa, sua identidade não é apresentada, preservando-se informações pessoais que possam permitir sua identificação.

Ao trazer essa experiência para a discussão, buscamos contribuir para a compreensão da importância dos espaços não formais de educação como ambientes de formação humana, nos quais o acolhimento, a convivência e a participação podem favorecer a construção de vínculos, o sentimento de pertencimento e o protagonismo dos sujeitos.

ISSN: 2358-8829

## REFERENCIAL TEÓRICO

A educação não formal constitui um campo importante para compreender os processos educativos que acontecem para além dos espaços escolares. Gohn (2010) discute a relevância das experiências de aprendizagem construídas nas relações sociais e nas práticas coletivas, reconhecendo diferentes espaços e sujeitos envolvidos nos processos educativos.

Nessa perspectiva, os espaços não formais de educação podem contribuir para o desenvolvimento da autonomia, da participação e da consciência coletiva, considerando que os sujeitos não são apenas receptores de conhecimentos, mas participantes de processos formativos que se constituem nas relações com os outros e com o mundo.

Essa compreensão aproxima-se do pensamento de Paulo Freire (2023), particularmente de sua defesa de uma educação comprometida com a mudança e com a participação dos sujeitos na realidade em que vivem. A formação humana não acontece de maneira isolada, pois envolve experiências, histórias de vida, saberes e possibilidades de atuação na sociedade.

Compreender a educação a partir dessa dimensão significa reconhecer que os processos formativos precisam considerar os sujeitos em sua integralidade, valorizando suas experiências e potencialidades. Não se trata apenas de transmitir conhecimentos, mas de criar possibilidades para que as pessoas ampliem sua compreensão do mundo e se reconheçam como participantes de sua própria formação.

Rubem Alves (2023), por sua vez, contribui para essa discussão ao aproximar a educação da sensibilidade, da curiosidade e das experiências que dão sentido à existência humana. Seu pensamento nos convida a refletir sobre a importância de práticas educativas que despertem o desejo de aprender, valorizem os sentimentos e reconheçam a sensibilidade como parte da experiência formativa.

Ao colocarmos esses autores em diálogo, compreendemos que a formação humana não se restringe ao desenvolvimento intelectual. Ela também envolve a construção de vínculos, o reconhecimento de si e do outro, a solidariedade, a criatividade e a participação na vida coletiva.

É nessa direção que as práticas educativas desenvolvidas na Biblioteca Comunitária Maria Dolores podem ser compreendidas. Mais do que um espaço de acesso à leitura e a outras atividades educativas, a biblioteca constitui um ambiente de convivência e de construção de experiências que podem contribuir para o desenvolvimento humano e social de seus frequentadores e voluntários.

ISSN: 2358-8829

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As vivências acompanhadas na Biblioteca Comunitária Maria Dolores permitiram observar uma experiência significativa de participação e envolvimento comunitário, expressa na trajetória de uma mulher adulta que, inicialmente, frequentava o espaço para participar das atividades educativas.

Com o passar do tempo, sua relação com a biblioteca foi se transformando. A participante, que antes integrava as atividades oferecidas pela instituição, passou a contribuir com as ações desenvolvidas, tornando-se voluntária nas rodas de leitura realizadas com as crianças.

Essa experiência nos convida a refletir sobre as contribuições da educação não formal para a formação humana, uma vez que a participante passou a ocupar uma nova posição nas práticas educativas da instituição. Aquele espaço, anteriormente frequentado como oportunidade de convivência e aprendizagem, tornou-se também um ambiente no qual ela passou a compartilhar seu tempo e contribuir para a formação de outras pessoas.

Ao analisarmos essa trajetória à luz das contribuições de Gohn (2010), percebemos a relevância das experiências coletivas nos processos educativos que se desenvolvem fora dos ambientes escolares. A participação no cotidiano comunitário pode favorecer aprendizagens construídas nas relações sociais e no compartilhamento de conhecimentos.

Nesse sentido, a passagem de participante a voluntária representa uma experiência que permite discutir o protagonismo e o pertencimento comunitário. Não se trata apenas de assumir uma nova atividade, mas de ampliar as possibilidades de participação e contribuição no espaço do qual se faz parte.

A atuação nas rodas de leitura com as crianças também merece atenção, considerando que a leitura constitui uma prática educativa que pode favorecer a imaginação, a criatividade, a expressão e a construção de sentidos. Ao colaborar com essas atividades, a voluntária passou a integrar um processo educativo que envolve relações entre pessoas de diferentes gerações.

Na perspectiva de Freire (2023), essa experiência pode ser compreendida a partir da relação entre educação e mudança. O sujeito não está limitado a uma condição permanente de quem recebe conhecimentos, mas pode ampliar suas possibilidades de participação e atuação na realidade.

A trajetória apresentada evidencia, portanto, que os processos formativos também podem ser reconhecidos nas mudanças que ocorrem nas formas de participação dos sujeitos. A mulher que inicialmente frequentava a biblioteca para vivenciar suas atividades passou a

ISSN: 2358-8829

contribuir para que outras pessoas também tivessem acesso às experiências educativas desenvolvidas naquele espaço.

O diálogo com Alves (2023) possibilita acrescentar outra dimensão a essa reflexão: a sensibilidade nas relações educativas. Quando pensamos na formação humana, precisamos reconhecer que o conhecimento, por si só, não contempla todas as dimensões da educação. Os encontros, a convivência, o acolhimento e as experiências compartilhadas também fazem parte da construção dos sujeitos.

Assim, a experiência relatada permite reconhecer que os espaços não formais de educação podem favorecer processos de aprendizagem que ultrapassam os conteúdos trabalhados nas atividades. A participação comunitária, o compartilhamento de saberes e o envolvimento com o outro constituem possibilidades de formação que precisam ser valorizadas.

É importante destacar que este relato se refere a uma trajetória individual e não pretende generalizar seus resultados para todos os frequentadores ou voluntários da biblioteca. Entretanto, a experiência oferece elementos para refletirmos sobre a importância das práticas educativas comunitárias na construção de vínculos, na participação coletiva e na formação humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato de experiência buscou demonstrar as contribuições das práticas educativas desenvolvidas na Biblioteca Comunitária Maria Dolores para a formação humana, considerando a trajetória de uma mulher adulta que passou da condição de participante das atividades à atuação como voluntária nas rodas de leitura com as crianças.

As vivências observadas permitiram compreender que os espaços não formais de educação podem oferecer oportunidades de aprendizagem que ultrapassam os conteúdos das atividades realizadas, envolvendo o fortalecimento dos vínculos sociais, a participação e o pertencimento comunitário.

A trajetória apresentada revela a importância de práticas educativas que reconheçam os sujeitos em suas diferentes dimensões, valorizando suas experiências e possibilidades de participação na vida coletiva.

Nesse sentido, ao dialogarmos com Gohn, Freire e Rubem Alves, reafirmamos a compreensão de que a educação não se limita à transmissão de conhecimentos, mas constitui um processo humano e social que pode contribuir para mudanças nas formas de participação dos sujeitos nos ambientes em que estão inseridos.

Consideramos, portanto, que a Biblioteca Comunitária Maria Dolores representa uma possibilidade de educação humanizada, na qual o acolhimento, a convivência e a participação coletiva constituem elementos importantes para a formação dos sujeitos.

Por fim, essa experiência nos convida a refletir sobre a necessidade de reconhecer e fortalecer os espaços não formais de educação. Afinal, a formação humana também acontece nas relações cotidianas, nos encontros e nas oportunidades que permitem às pessoas descobrir suas potencialidades e contribuir para a construção de uma sociedade mais solidária e humana.

**Palavras-chave:** Educação não formal, Biblioteca Comunitária, Formação Humana, Práticas Educativas, Pertencimento.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Por uma educação sensível**. Organização de Raquel Alves. Jandira, SP: Principis, 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos**. São Paulo: Cortez, 2010.